CAROLINE: Continuação do depoimento com André Montalvão, dia 17 de Julho de 2017. Pode começar André, você ia falar sobre a relação com os órgãos.

ANDRÉ: Isso, você me perguntava sobre a relação da FETAEMG com os órgãos públicos, não é isso?

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Então o que que acontece, é como eu disse, a FETAEMG de antes era praticamente controlada pelo Estado, e quando eu digo Estado, no caso do Estado de Minas, havia muita interferência de políticos dentro da FETAEMG, secretários de estado, deputados, e nós procuramos fazer um corte nisso, mantendo distância. Era uma relação de respeito, mas também de enfrentamento quando algum organismo de Estado prejudicava os trabalhadores, e isso aconteceu demais. Se eu não me engano, cê me perguntou sobre a Ruralminas e?

CAROLINE: O Incra.

ANDRÉ: O Incra.

CAROLINE: Como era a relação, por exemplo, com o Incra e a Ruralminas?

ANDRÉ: Então, com o Incra era um pouco mais difícil, porque na verdade o Incra é federal, e, na época, enquanto o governo era o governo da Ditadura, era um relacionamento muito difícil. E com a Ruralminas também pelo comportamento...

CAROLINE: Difícil em que sentido?

ANDRÉ: Hein?

CAROLINE: Difícil em que sentido?

ANDRÉ: Sentido que eles não davam a menor atenção para as questões do trabalhador na época, né, os trabalhador era sempre considerado bandido, invasor de terra, e eles se posicionavam sempre a favor do latifúndio.

CAROLINE: Ah, sim.

ANDRÉ: Entendeu?

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: E no caso, por exemplo, da Ruralminas era pior ainda, porque quando se fala, por conta do Estado de Minas na região Norte e Vale do Jequitinhonha, havia uma concentração muito grande de terras devolutas, aonde a grande maioria dos trabalhadores que ali moravam e trabalhava, que era os chamados posseiros, não havia o menor respeito dos órgãos de Estado por eles. Pelo sistema, o sistema, ele era horrível. As empresas ou os grandes latifundiários, eles expulsavam os trabalhadores da terra, queimavam seus barracos, eles mediam, mandavam medir a terra, entrava com requerimento na Ruralminas para titulação, regularização latifundiária da

terra, e a Ruralminas, ela publicava um edital dando prazo de 30 dias para que alguma pessoa interessada se manifestasse contrário. Isso era publicado no Diário Oficial do Estado, cê imagina um trabalhador analfabeto, que não tinha nem rádio, como é que ele ia saber se tinha alguma coisa publicada no Diário Oficial do Estado?

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Ele não lia os órgãos que publicava, e aí o que que o Estado fez? O Estado foi legalizando terra para os fazendeiros, para os latifundiários, legalizando terra para as empresas plantar eucalipto.

CAROLINE: Então de certa forma a Ruralminas contribuiu para grilagem de terras?

ANDRÉ: Contribuiu sim.

CAROLINE: Nesse processo?

ANDRÉ: Contribuiu sim, porque à medida que eles foram regularizando as terras, eles contribuíram, porque eles não procuraram olhar o que tava acontecendo, a grande expulsão em massa de trabalhadores, a queima de casa, né, que aconteceu. As grandes empresas desceram máquinas, destruíram o pequi que havia na região, que era uma fonte de alimento muito grande, né, que era utilizada pela população que vivia na área rural na época. Isso foi tudo destruído, foi queimado para fazer carvão, e no seu lugar foi plantado eucalipto, dando grandes áreas de reflorestamento.

CAROLINE: O senhor poderia...

ANDRÉ: Existe até... Hein?

CAROLINE: O senhor...

ANDRÉ: Fala.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você ia detalhar uma situação?

ANDRÉ: Repete, por favor.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Você ia detalhar uma situação?

ANDRÉ: Se eu ia?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É.

ANDRÉ: Não, é prosseguindo. É isso mesmo que eles faziam, né, queimando as casas, os latifundiários queimando as casas, expulsando os trabalhadores, destruindo a grande plantação de pequi, porque a vegetação era praticamente pequi. Existe um fato que eu vou relatar para você, da cidade de São João do Paraiso, aonde uma empresa de reflorestamento, se não me falha a memória, a Planta 7, de Sete Lagoas, aonde eles chamaram o pessoal do DOPS para lá, na época...

CAROLINE: Do DOPS?

ANDRÉ: É. E prenderam a diretoria do sindicato e espancaram um trabalhador lá, que era da direção do sindicato, do nome de João, esse rapaz, inclusive, ele, eu não sei se ele já faleceu, mas ele ficou deficiente, e fisicamente ele ficou perturbado de tanto apanhar.

CAROLINE: Pela questão da tortura?

ANDRÉ: É, foi uma tortura, foi torturado mesmo.

CAROLINE: E quando aconteceu isso?

ANDRÉ: Ô, minha filha, agora...

CAROLINE: Mais ou menos.

ANDRÉ: Tá ruim de recordar, viu, mas isso deve ter acontecido no início dos anos 80.

CAROLINE: Entendi, entendi.

ANDRÉ: Por ali. Inclusive eu fui para lá no dia. Eu cheguei lá, encontrei o pessoal tudo preso, e o pessoal da polícia que jogava futebol de salão de tarde com eles, quando era à noite, pegava os caras e espancava os caras dentro da delegacia.

CAROLINE: Entendi. E como o senhor ficou sabendo que o DOPS atuou ali?

ANDRÉ: Eu fiquei sabendo porque houve denúncia, né, e eu fui para lá, porque tudo que acontecia, na época, a direção da FETAEMG, a gente saía junto com advogado e ia para os municípios atrás.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Certo? Chegando lá, nós deparamos com essa situação, e o nosso pessoal aqui em Belo Horizonte acionou a Secretaria de Segurança e conseguiu mandar para lá um delegado especial, que chegou lá e colocou o pessoal da polícia, que tava lá tudo, e mandou de volta para Belo Horizonte, foi aonde a gente conseguiu dominar a situação lá e intervir para que eles parassem de torturar os trabalhadores.

CAROLINE: Ah, entendi. Então os policiais do DOPS que estavam na cidade foram enviados de volta à Belo Horizonte?

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: E procê acabar de confirmar isso, se você já conversou com o Luiz, o Luiz sabe disso, porque na época ele tava em Montes Claros.

CAROLINE: O Luiz Chaves?

ANDRÉ: O Luiz Chaves. Se ocê ligar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais lá de São João do Paraíso também você vai ficar sabendo disso.

CAROLINE: Vou entrar em contato. O senhor se lembra de nomes?

ANDRÉ: Lá do sindicato?

CAROLINE: É.

ANDRÉ: Ah, hoje eu não lembro mais, não. Eu não sei quem tá na direção, não.

CAROLINE: Mas vou entrar em contato.

ANDRÉ: Tem uma pessoa que participou disso junto comigo, ele chama Juraci.

CAROLINE: O Juraci que tá na Contag?

ANDRÉ: Que tá na Contag. Ele participou junto comigo lá no enfrentamento dessa situação.

CAROLINE: Tá, eu vou entrar em contato então, muito obrigada, viu.

ANDRÉ: Cê liga depois lá para a Contag, que o Juraci vai dar testemunho disso que eu tô falando né.

CAROLINE: Tudo bem.

ANDRÉ: E essa questão que eu relatei procê da Ruralminas, foi no Norte de Minas inteiro ali, ó, naquela região ali de Montes Claros, São João do Paraíso, que eu te falei, Taiobeiras...

CAROLINE: Então havia... Hum? Pode continuar.

ANDRÉ: Januária, um dos lugares também mais perseguido que nós fizemos foi São Francisco, na Serra das Araras, aonde nosso companheiro Elói foi assassinado, você já deve ter tido essa informação também, né.

CAROLINE: Sim, sim. Então havia um processo que os latifundiários e grileiros, né, expulsavam os posseiros, destruíam suas posses e depois entrava com pedido de legalização junto à Ruralminas, né.

ANDRÉ: Então, e esse pedido, eu volto a reafirmar para você, era publicado no Diário Oficial, que os trabalhadores rurais não liam, né, e assim, tranquilamente, eles pegava e se tornavam o dono das terras de forma legitima.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Entendeu?

CAROLINE: Entendi, sim.

ANDRÉ: E esse processo, ele se deu nessa região inteira, inclusive deu também no Pontal do Triângulo Mineiro, e o processo se dava da seguinte forma: quando eles não conseguiam expulsar queimando casa, eles matavam liderança, matava o trabalhador, e o processo era sempre dessa forma.

CAROLINE: Entendi. E, Montalvão, em relação à Secretaria de Segurança, como era a relação da FETAEMG com a Secretaria?

ANDRÉ: Era muito difícil, né. Até porque a gente não confiava, porque havia uma perseguição muito grande, e a polícia, na época, ela sempre atuava do lado dos latifundiários, tanto era assim que o Luciano, por exemplo, que eu vou relatar para vocês, se sentia protegido. E por que que eu fui ameaçado? Foi a partir do momento que a Secretaria (trecho incompreensível), aí quando começou a gente ter acesso, a conquista das Diretas a partir de 82, 83, aí, aí começou a haver uma ruptura com o sistema e começou a haver uma abertura para a gente poder ter mais acesso aos órgãos de segurança do Estado, inclusive no início do governo Tancredo.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Eu tô sempre repetindo que o governo Tancredo foi uma pessoa que sempre esteve presente na FETAEMG, e foi uma pessoa que assumiu um compromisso de ajudar a resgatar (trecho não compreensível), e realmente cumpriu a palavra dele.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: E à medida que ele foi modificando, né, os órgãos de Estado, e na própria Secretaria de Segurança, desculpe, a secretaria que não tinha muito a ver com a história, com a gente, mas que ajudou muito também.

CAROLINE: Hum, do trabalho?

ANDRÉ: Foi a Secretaria do Trabalho através do Ronan Tito, quando ele assumiu a Secretaria, o Senador Ronan Tito.

CAROLINE: Uhum. Porque o Ronan Tito, ele começou a dialogar com a FETAEMG?

ANDRÉ: Já começou. Começou, sim, há muito tempo, porque quando a FETAEMG, a gente fazia alguns evento, e para que aqueles eventos fossem mais fortes, alguns políticos que a gente acreditava um pouco mais do que tudo que existia, a gente convidava. No caso do Tancredo, o Ronan, eles sempre tiveram presentes nas ações da FETAEMG. (Trecho não compreensível) que foi prefeito de Belo Horizonte, né, assim como o Durval Anjos, assim como esse menino aí que eu te perguntei dele procê, o Neymar, né?

CAROLINE: O Nilmário?

ANDRÉ: Isso, o Nilmário, né.

CAROLINE: Uhum, Nilmário Miranda.

ANDRÉ: Então, o João Batista, que começou pelo PT também.

CAROLINE: O João Batista do Mares Guia?

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Então esse pessoal sempre teve do lado da gente. O João, inclusive, chegou a visitar vários conflitos de terra junto comigo.

CAROLINE: Ele comentou sobre isso em depoimento.

ANDRÉ: Ah, ele conversou, né?

CAROLINE: Conversou.

ANDRÉ: Então, ele foi lá na cidade Velinhos, que ele teve junto comigo, aonde os latifundiários cortaram acerca dos posseiros lá, e ele foi lá ajudar a refazer na época, ele era parlamentar. Entendeu?

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Mas então no caso do Ronan, o Ronan abriu as portas da Secretaria para ter a FETAEMG como movimento sindical.

CAROLINE: E antes do Ronan, a Secretaria do Trabalho tinha alguma relação com a FETAEMG?

ANDRÉ: Já não era uma relação tão ruim, certo? Eu não recordo direito qual que é, acho que era o Agostinho da Cruz, não era? Não sei se era ele, me parece que era. É, mas só, os órgãos do Estado só veio relacionar melhor com o movimento sindical a partir do momento que o Tancredo assumiu a direção.

CAROLINE: Uhum, entendi. Bom...

ANDRÉ: E antes também, o governo do estado até chegou ter uma certa relação com a FETAEMG, mas foi uma coisa muito mais através da amizade do que, do que de forma institucional, porque eu não sei se você sabe...

CAROLINE: É, mais tinha um diálogo com o senhor do que com a instituição.

ANDRÉ: É, o vice-governador, ele era de Muzambinho, chamava João Marques de Vasconcelos. Então como a gente era conterrâneo e era amigo aqui na cidade, às vezes abria um espaço, mas nada que rendesse alguma coisa a favor dos trabalhadores, não

CAROLINE: Entendi. Montalvão, nós encontramos algumas reportagens sobre o senhor da época, na época, no qual ressalta o seu papel como um importante ator na negociação de conflito de terra, né, que era reconhecido pelas autoridades, e visto de certa forma como ponderado. eu gostaria de que você comentasse mais sobre a questão de negociação com as instituições nesse conflito de terra, sabe, qual eram as dificuldades e também qual foi a estratégia do senhor para conseguir espaço e voz.

ANDRÉ: Uai, a estratégia... A estratégia era sempre de enfrentamento, e através da pressão que a gente conseguia chegar ao diálogo. E os latifundiários, em alguns casos, eles acabavam cedendo, que você sabe daquela história? Vai-se os anéis, né, mas você tenta segurar os dedos.

Então quando os caras viam que a pressão estava ficando forte e que a gente também jogava pesado junto do... Quem trabalhava na época no Ministério da Reforma Agrária, a Contag tinha uma atuação muito pesada também, né, então a gente, à medida que a gente forçava a barra para conseguir a desapropriação, aí você conseguia abrir para o diálogo com os proprietários. E nesse caso, a partir desse, a partir do momento em que o governo foi abrindo, né, a redemocratização, os órgãos do governo ajudavam nessa intermediação, a igreja ajudava, havia alguns bispos, por exemplo, bispo de (trecho não compreensível) ajudava muito, o João Paulo lá de, de Uberaba ajudava muito na negociação. Tinha um outro bispo com o nome de João Paulo que ficava em Ituiutaba. Então, quer dizer, a gente tentava trabalhar de uma forma que a gente reunia diversos segmentos, e através desse segmento que a gente conseguia sentar e conversar, muitas vezes com resultado, muitas vezes sem resultado.

CAROLINE: Entendi. Montalvão, você mencionou uma ameaça feita pelo Antônio Luciano Pereira Filho, cê poderia nos dizer o que aconteceu?

ANDRÉ: Posso. O que aconteceu foi o seguinte, o Luciano foi considerado por nós, do movimento sindical, um dos maiores grileiros de terra do Estado de Minas Gerais, porque se ocê conhece a história dele, ele é filho de pai rico, que é dono de todos os cinemas que haviam em Belo Horizonte, hotéis, dono da usina Lagoa da Prata, que hoje transformou em uma entidade. E lá no Norte de Minas no Rio Urucuia, ele, debaixo daquele rio vivia mais de 200 famílias de posseiros.

CAROLINE: Onde?

ANDRÉ: No Norte de Minas, lá no Rio Urucuia.

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Ficou bem gravado? Rio Urucuia, alô?

CAROLINE: Urucuia.

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: Certo.

ANDRÉ: Lá no Norte de Minas.

CAROLINE: Certo.

ANDRÉ: E ele tentou, ele tentou desviar o rio para anexar a área dos posseiros na fazenda dele, e ali ele ia queimar as casas e colocar todo mundo para fora, e nós pegamos, e nós pegamos, através da FETAEMG, eu fiz uma denúncia contra ele na Secretaria de Segurança do Estado de Minas Gerais, e ele ficou furioso porque nunca ninguém tinha ousado fazer uma denúncia contra

ele, e a secretaria chamou ele para conversar, aí ele ficou muito furioso, que ele foi na FETAEMG para poder me matar.

CAROLINE: E isso aconteceu quando?

ANDRÉ: Isso também foi lá no começo dos anos 80, por volta de 82, 83, por aí.

CAROLINE: Entendi. E como foi essa situação na FETAEMG?

ANDRÉ: A situação foi o seguinte, ele chegou na FETAEMG para falar comigo, e pediu para falar comigo, o pessoal, conduziram ele até a sala que eu estava. Era de manhã e era uma sala reservada, ele entrou na sala gritando, que ele era bastante, no meu entendimento, uma pessoa bastante desorientada no seu comportamento.

CAROLINE: Ele gritou o que?

ANDRÉ: Aí ele entrou gritando que, e falando de quem eu era, quem que eu pensava que eu era para denunciar ele na Secretaria de Segurança, e junto com o capanga dele.

CAROLINE: Jagunços?

ANDRÉ: É, o jagunço dele.

CAROLINE: Eles estavam armados?

ANDRÉ: Então, aí tinha uma mesa redonda, o jagunço já chegou, botou a, uma mala 007 em cima da mesa, e já abriu para que eu pudesse ver as pistola, certo?

CAROLINE: Eles levaram então armas em malas?

ANDRÉ: Levou em uma malinha 007.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Aí aquele falatório deles, a primeira coisa que eu fiz, eu botei a minha mão em cima do braço dele, puxei ele, e falei para ele, falei: “Antônio Luciano, aqui as pessoas entram falando baixo, ninguém é surdo aqui, e ocê não precisa entrar aqui gritando, se ocê quiser conversar, eu te recebi para nós conversar, se ocê não quiser conversar a porta da rua é a serventia”. Quando o rapaz tentou se mexer tinham 8 companheiros da FETAEMG em pé nas costas dos dois.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Pessoal, eu só falei isso para eles: “Olha para trás aí, ó...” Quando eles olharam para trás e viram o tanto de gente que tava lá, aí pegou, abaixou a bola, eu mandei o cara fechar a mala, o cara fechou, aí conversou, conversou, reclamou, falou muito.

CAROLINE: E o que vocês conversaram exatamente?

ANDRÉ: Ah, ficou conversando lá. Retirou a ameaça, né, e fechou a mala, aí na hora ele não falou para mim que ele ia me matar, mas o meu entendimento foi esse, uai! Cê ia entender o quê?

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Entendeu?

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Aí ele pegou e ficou implorando para mim retirar a denúncia, eu falei: “Eu não vou retirar a denúncia coisa nenhuma, não, ué! Eu vou é tocar a denúncia para frente, e tem mais: aqueles posseiros nós vamos defender e se a gente souber que vocês fez mais qualquer coisa nesse nível dentro do Estado, pode ter certeza que a FETAEMG vai para cima”. Ele pegou, levantou e foi embora, foi isso que aconteceu.

CAROLINE: Entendi. E essa denúncia na Secretaria, ela foi para frente?

ANDRÉ: Ela não foi para frente, a única coisa que ela fez, que sessou as (trecho não compreensível) dele a partir daí. Lá, por exemplo, foi defendido, né, eles não continuam com processo que tava, ele foi barrado, e ele não, e ele parou, né, de atormentar a vida dos posseiros.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Aí, nós, em seguida, um pouco depois, em 86, os trabalhadores lá da usina em Lagoa da Prata fez uma grande greve lá, arrebentou com ele e com a usina, botou fogo em tudo lá, botou fogo nos caminhões, botou fogo no supermercado, botou fogo em tudo lá, e aí, com isso, ele foi sendo domado aos pouquinhos, né, até morrer.

CAROLINE: Até morrer. O senhor se lembra de outras situações que envolvem o Antônio Luciano, seja de ameaças ou outras violências?

ANDRÉ: Não, não, eu não recordo, não. Eu sei que ele fez, mas, assim, eu não posso afirmar, o que eu posso te afirmar foi o que eu relatei.

CAROLINE: Uhum, certo. O senhor se recorda de outras situações de ameaças contra o senhor, contra as pessoas da FETAEMG?

ANDRÉ: Ah, no momento, não. Eu... A mais difícil mesmo foi essa lá de ameaça que nós sofremos...

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Houve várias outras, assim, ameaça psicológica intensiva, mas assim, de enfrentamento mesmo com a gente, não. Porque o seguinte, como é que a gente procedia? Em todo lado que havia um grande conflito de terra e que eles ficavam torturando os trabalhadores, a FETAEMG marcava grandes concentração e convidava os sindicatos vizinhos para levar trabalhador, e vinha, a gente convidava as direção das federação de outros estados, da Contag, e a gente fazia grandes atos com grande mobilização nos centros das cidades, defendendo os trabalhadores, e então é o que eu te falei, ameaça era a polícia, porque colocava-se o policiamento extensivo

contra a gente, eles ficaram sabendo, através das informação que eles obtinham, o lugar que a gente ia fazer esses atos, e eles chegavam primeira que a gente.

CAROLINE: Esse foi o caso do ato em Cachoeirinha, de 81?

ANDRÉ: Cachoeirinha... Foi Cachoeirinha, foi Teófilo Otoni, que nós fizemos um ato muito grande, em Guanhães nós fizemos muito grande, nós fazia ato com 5, 6 mil trabalhador. Foi uma vez, em uma cidade com o nome de Jacinto, lá no Vale do Jequitinhonha, aonde o presidente do sindicato tinha sofrido uma grande ameaça, lá, dos fazendeiros na época, né. Teve uma outra história, que eu me recordo também, em (trecho não compreensível), para relatar para vocês, é o seguinte, tinha uns fazendeiros lá que puxava os trabalhadores a pé, e tinha um (trecho não compreensível) que defendia os trabalhadores. Através do padre nós chegamos à situação desse conflito.

CAROLINE: Qual o nome do padre?

ANDRÉ: Hein?

CAROLINE: O nome?

ANDRÉ: Padre Nunes, Padre Nunes.

CAROLINE: Munes?

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: Tá.

ANDRÉ: Lá em (trecho não compreensível). E sabe o que que os fazendeiro fez para tirar os posseiros da terra?

CAROLINE: O que?

ANDRÉ: Ele botava, ele botava sal em volta das casas dos posseiros para o gado ir lá e derrubar as casas, porque o gado ia lambendo o sal e destruía os casebres dos trabalhadores, então cê vê que eles usavam tudo quanto era tipo de método para torturar os trabalhador e tentar expulsar os trabalhador da terra.

CAROLINE: Uhum. O senhor se recorda se alguma situação de tortura contra posseiro ou trabalhador rural?

ANDRÉ: A mais forte que eu recordo que eu tô te falando é, foi a do João lá em São João do Paraíso. Porque nos outros casos praticamente não houve tortura, né, houve foi assassinatos, né. Porque no caso, por exemplo, eles, que eles assassinaram o Elói, eles assassinaram o Igor, aqui, em uma cidade aqui perto (trecho não compreensível) no conflito aqui perto de Sete Lagoas, eles assassinaram o Juraci na Fazenda Barreiro lá no Pontal do Triangulo, né. Precisava ter a história

escrita para a gente recordar, realmente faz muito tempo e eu não recordo de todos os atos que aconteceram.

CAROLINE: Sim. Existe algum caso de assassinato que você gostaria de relatar, dar mais detalhes? No Noroeste, Norte, Triângulo.

ANDRÉ: O único caso... Eu posso, por exemplo, no caso do, da Fazenda Barreiro, que na época pertencia ao Município de Iturama, hoje, se eu não me engano, a cidade chama Carneirinho, porque o Município de Iturama foi desmembrado em 5. Então no caso lá, o Juracir, que era nossa liderança, que ajudava a organizar os posseiros, o fazendeiro assassinou ele, arrumou, arrumou um capanga e ficaram em um mata-burro que dava entrada à fazenda, e assassinaram ele quando ele passava nesse mata-burro. E essa fazenda nós conseguimos a desapropriação dela, e conseguimos fazer o assentamento de 212 famílias.

CAROLINE: Quando ocorreu isso mais ou menos?

ANDRÉ: Essas dificuldades tudo viu.

CAROLINE: Com o Juracir aconteceu mais ou menos quando?

ANDRÉ: Isso também foi nos anos 80, antes de 86.

CAROLINE: Anos 80, entendi.

ANDRÉ: Porque em 86, 86 eu fui para o Contag, isso foi antes de 86.

CAROLINE: Uhum. Existe outros casos que você gostaria de relatar também, destacar algo que marcou sua memória?

ANDRÉ: Então, realmente, assim, tá difícil para mim agora, viu.

CAROLINE: Uhum, não, sem problemas.

ANDRÉ: Tá? Se você quiser perguntar mais alguma coisa que você lembre...

CAROLINE: Sem problemas.

ANDRÉ: (Trecho não compreensível).

CAROLINE: Sem problemas. Sobre as denúncias, vamo então falar das denúncias que eram encaminhadas em relação a assassinatos. Era, é recorrente a FETAEMG levar denúncias à Secretaria de Segurança, não é?

ANDRÉ: Além de ser, nós chegamos a ter atenção do Estado na época, com designação de delegado especiais para fazer apuração com a gente. Os crimes foram apurados, porém muitos poucos foram levados a júri, e os que foram, foram mal sucedidos.

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Por exemplo, no caso do Elói foi, foi investigado, foi apurado, o fazendeiro, o latifundiário que mandou matar era um ex-gerente de banco, foi a júri popular, mas foi cumprir pena em liberdade. E assim por diante. Claro que a grande maioria foi dessa forma que aconteceu.

CAROLINE: É, como...

ANDRÉ: Teve também, teve também um conflito em uma fazenda com o nome de Fazenda Mandiocal, próximo de, de Unaí. Inclusive, essa moça, ela tá em Belo Horizonte, não sei se ocê conversou com ela, a Cidinha. Ela participava do pessoal dos direitos humanos.

CAROLINE: A Cida, sim.

ANDRÉ: Então, cê já conversou com ela?

CAROLINE: A Cida de Unaí, não é?

ANDRÉ: Isso.

CAROLINE: A gente ainda vai conversar com ela, mas ela é nossa colaboradora da COVEMG.

ANDRÉ: Não entendi.

CAROLINE: A Cida é colaboradora da COVEMG, a gente conversa com ela, sim.

ANDRÉ: Então, ela nunca relatou a história do pai dela e da mãe dela?

CAROLINE: Do pai e da mãe sim, mas em relação a região, não.

ANDRÉ: Então, porque foi muito difícil para nós na época, porque nós vinha acompanhando conflito antes de ocorrer o assassinato, né, e também depois. Aí no caso eu até já tava na Contag, e a mãe dela, inclusive, foi, eu levei para minha casa lá em Brasília para fazer o tratamento, porque o pai dela morreu, né, foi assassinado, e a mãe dela foi baleada, mas conseguiu sobreviver. Mas esse caso aí, quem pode relatar melhor é a Cida.

CAROLINE: É, mas a mãe dela precisou de cuidados posteriores com o senhor?

ANDRÉ: Precisou, ela foi cuidada no hospital de Brasília, né, depois ficou na minha casa na recuperação uns dias.

CAROLINE: Entendi. Em relação à Fazenda Mandiocal, o senhor se lembra de outras situações?

ANDRÉ: Ah, foram muitas, mas eu mesmo não consigo recordar no momento para te passar, viu.

CAROLINE: Tudo bem. O senhor se recorda de um delegado em Arinos chamado Marcos Carence?

ANDRÉ: Não.

CAROLINE: Certo. A Fazenda Menino, o senhor se recorda de algo, alguma situação, pessoa?

ANDRÉ: Fazenda Menino? Será que é lá onde mora, lá onde reside hoje a Maria Antônia, que é diretora da FETAEMG?

CAROLINE: É, bom...

ANDRÉ: Bonfinópolis?

CAROLINE: A Fazenda Menino englobava três municípios na verdade, né, Arinos, ali naquela região, né.

ANDRÉ: Então.

CAROLINE: De tamanha extensão dela.

ANDRÉ: Ali naquela região, ali, eu sugeria para vocês conseguir o telefone do sindicato de Bonfinópolis e falar com a Maria Antônia, ela foi diretora da área de reforma agrária na FETAEMG junto comigo.

CAROLINE: E ela era da época?

ANDRÉ: Ela era da época. Ela ficou depois de mim, depois eu fui para Brasília, ela continuou mais um mandato na FETAEMG.

CAROLINE: Entendi. Eu vou tentar entrar com contato então.

ANDRÉ: A Maria, ela tem, ela vai ter riqueza de detalhe a respeito dessa situação da terra em Minas Gerais, viu?

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Por acaso fui lembrar dela agora.

CAROLINE: Que bom, eu vou tentar entrar com contato com ela. O Rômulo mencionou...

ANDRÉ: Quem?

CAROLINE: O Rômulo.

ANDRÉ: Hum?

CAROLINE: Ele mencionou uma situação, duas situações, na verdade, se o senhor poderia complementar o depoimento dele sobre a greve de Passos e sobre uma denúncia de trabalho escravo na usina da Gurgel, em Campo do Meio, na Fazenda Ariadnópolis.

ANDRÉ: Então, vamos começar por essa então, porque está ligado também à questão da terra. Então, aí o que que aconteceu ali, ali quando começou a sofrer muita denúncia sobre trabalho escravo, e como é que nós fizemos para que a gente pudesse romper com isso? Os trabalhadores foram sendo organizados para lutar pela terra, e foram ocupando partes dessa usina, e esses trabalhador que eram escravizados e pouco assalariados, eles foram se tornando participantes do grupo que reivindicava a terra. E nós, nessa organização aqui no Sul de Minas, para que a gente conquistasse a terra, um grande grupo foi organizado e nós conseguimos ocupar, na época, a Fazenda Jatobá, que era, pertencia também à usina, mas que tinha sido vendido para um outro grupo para plantar café. E aí foi uma ocupação bem sucedida, e essa fazenda foi, inclusive, desapropriada pelo Incra para fazer assentamento.

CAROLINE: Uhum. Não, o Rômulo...

ANDRÉ: Hum, diga.

CAROLINE: O Rômulo mencionou a situação que ele foi enviado, né, pelo senhor, né, que ele atuava no Sul de Minas, para investigar essa situação na usina, e que ele sofreu ameaças por parte da polícia e do Clóvis, no caso. Se o senhor...

ANDRÉ: Então, eu não recordo para completar isso, viu, eu só recordo dessa parte da organização, que o Rômulo tava junto, tava, que ele foi enviado pra lá, ele foi.

CAROLINE: Uhum, sem problemas.

ANDRÉ: E o que ele está relatando, o que ele relata é verdade, o que eu tô te passando, que eu recordo, é que nós transformamos a luta para melhorar a situação dos trabalhador assalariado em organizado para reivindicar a posse da terra.

CAROLINE: É, cê poderia continuar contando então?

ANDRÉ: Então, e até hoje, até hoje ainda existe um grande grupo que tá lá ocupando terra que era da usina e que até hoje não foi resolvida a questão da legalização, da Fazenda Jatobá, que tá do lado, foi, mas a usina não foi.

CAROLINE: Entendi, sem problemas. E sobre a greve de Passos?

ANDRÉ: Então, a greve de Passos também o Rômulo participou, foi em 81, foi... Foi a primeira greve de assalariado em Minas Gerais, porque até então os trabalhadores não tinham uma organização na luta pela terra, e foi a partir, eu assumi a FETAEMG em 75, somente a partir de 77, 78 que nós conseguimos dar os primeiros passos para conseguir fazer alguns acordos coletivos, e greve mesmo assim para haver um enfrentamento, só em 81. Aí foi a primeira que aconteceu, foi lá em Passos. E realmente foi uma luta muito difícil para os trabalhadores, porque a polícia foi para cima, né, no enfrentamento, só que os trabalhadores também estavam decididos e foram para o enfretamento. Na época, foram 5 mil trabalhadores assalariados da cana lá em Passos.

CAROLINE: Uhum, entendi.

ANDRÉ: E aí houve tentativa, sim, da polícia de acusar os trabalhadores, tentativa de prender trabalhadores, só que nós enfrentamos a situação, enfrentamos o comando da Polícia Militar que tava lá e negociando, e não aceitamos, falamos que não ia aceitar, e não aceitamos mesmo e acabou (trecho não compreensível).

CAROLINE: Uhum, entendi. Montalvão, sobre outras situações, sobre outras regiões, você gostaria de destacar algo sobre Rio Doce, Vale do Jequitinhonha, Triangulo Mineiro?

ANDRÉ: Não, foi mais ou menos isso aí, né. Eu dei algumas pinceladas, aconteceu muitas coisas, agora, na verdade, assim, sem o arquivo fica muito difícil, né, da gente recordar. Por que isso já faz o que? Uns 40 anos, praticamente, que isso tudo aconteceu, né.

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Porque eu tô com 73. Eu entrei na FETAEMG, eu tava com 31, né, então fica muito difícil.

CAROLINE: Sim.

ANDRÉ: Aconteceu muita coisa, muita coisa.

CAROLINE: Muita coisa nessa luta.

ANDRÉ: É, mas fica muito difícil para a gente lembrar disso.

CAROLINE: Uhum. Montalvão, sobre, então como o senhor avalia a questão da justiça para com os assassinatos de trabalhadores rurais?

ANDRÉ: Uai, eu via da seguinte forma, aqui em Minas Gerais eu não me recordo de ninguém que tenha sido condenado e preso. Agora, na apuração dos crimes, a gente... Hoje, por exemplo, é uma outra situação. No caso de apurar os crimes, na época, sempre a gente conseguiu a apuração através da Secretaria de Segurança do Estado, mas é o que eu estou te dizendo, né, vai a júri popular e ser condenado, praticamente eu não me recordo de ninguém que tenha sido condenado.

CAROLINE: Uhum, e isso a partir do governo Tancredo, como você destacou, né?

ANDRÉ: Só começou a aparecer alguma apuração dos casos a partir do governo Tancredo.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: De lá para cá é que os casos foram apurados, aonde os trabalhadores receberam algum apoio do Estado nessas apurações.

CAROLINE: Uhum, entendi. Sobre a atuação da polícia, como o senhor avalia na posição de ex-presidente da FETAEMG nesse contexto da Ditadura?

ANDRÉ: Então, a situação da polícia é que na época, ela sempre foi favorável aos latifundiários, porque, até então, quem tinha poder e era favorecido era os grandes fazendeiros, era os grandes latifundiários, e eles nem precisavam contratar jagunços, né, porque eles tinham na época a polícia sempre a favor deles, a atuação era sempre do lado deles.

CAROLINE: Entendi. Para o senhor, qual os principais características, né, dos desafios para a atuação da FETAEMG na Ditadura em relação à depois da Ditadura? O contexto de luta...

ANDRÉ: Da FETAEMG antes e da FETAEMG de hoje?

CAROLINE: Não exatamente, mas como o senhor avalia aquele contexto da Ditadura e depois, em relação aos conflitos de terra, a questão agrária, sobre a atuação sindical e os órgãos de Estado?

ANDRÉ: Então, a grande diferença que eu entendo é a seguinte, na época, o movimento sindical não tinha nenhum apoio, não havia políticas públicas que favorecessem aos trabalhadores em qualquer dos grupos nosso, que é, por exemplo, o grupo organizado que luta pela reforma agrária, no caso dos trabalhadores sem-terra, que é a grande maioria é do Movimento Sem-Terra saiu de dentro do nosso sindicato. Foram lideranças que foram construídas e trabalhadas no sindicato, e que acabaram formando os grupos de trabalhadores sem-terra, né, então não havia nenhum apoio. Para conquistar as coisas tinha que ser através do enfrentamento, né, e a partir da abertura e da redemocratização, o que que aconteceu? O governo, de uma forma inteligente, o governo cedendo à Ditadura, começaram a criar políticas públicas que até então eram até reivindicadas no movimento sindical, aí, a medida que essas políticas, elas foram se desenvolvendo, os sindicatos, eles para trabalhar, no meu entendimento, de uma outra forma, passaram a ter uma outra visão, e passaram a rumar através das políticas públicas. E a nossa questão da terra passou a ser trabalhada também nessa direção, muito, no meu entendimento, muito na forma de demonstração.

CAROLINE: Uhum, entendi.

ANDRÉ: Que até então a gente se focava na ocupação de terra no Estado todo e no Brasil inteiro, e tudo quanto era região do Estado e do país, eu entendo que de lá para cá e nos dias de hoje, a gente vê falar muito pouco em ocupação de terra, praticamente de invasão de terra, porque ocupação para nós é invasão para eles, que são os latifundiários, praticamente hoje cê não vê, a não ser no caso, por exemplo, desse conflito agora lá no Pará. E se a gente imaginar, cê pode ver que o genocídio passa a ser o mesmo que era feito na época da Ditadura, né, porque, na verdade, como é que a polícia chega e assassina... É apenas um comentários, depois cê tira fora, descarta.

CAROLINE: Uhum.

ANDRÉ: Mas como é que a polícia chega e assassina 10 trabalhadores? Então a diferença que existe hoje é isso. Quer dizer, hoje, os nossos sindicatos, eles trabalham com políticas públicas, é fazendo casinha, é colocando luz para o trabalhador, sabe?

CAROLINE: Sim.

ANDRÉ: É comprando alimento através da Conag e distribuindo. E com isso, os trabalhadores, no meu entendimento, não estão mais organizados, não existe, assim, hoje, mais, assim, uma frente

de luta em cada área dos trabalhadores, no caso, por exemplo, que a FETAEMG, o trabalho era dividido. A gente tinha um diretor que liderava a questão da agricultura familiar, tinha um outro diretor que a direção dele era organização de assalariado. Você tem o caso da Maria Antônia que era responsável pela área de reforma agrária, a gente tinha um diretor que era responsável pela área de saúde, tinha outro que era responsável pela área de educação. Então era assim que a FETAEMG era formada na sua amplitude, e isso, a gente descentralizava essas ações na época através dos polos regionais que a gente tinha construído no estado todo. E eu vejo muito hoje a dificuldade, tanto nos casos políticos, como no caso do sindicato, que também não deixa de ser político, o que que... Falta muito, assim, um projeto para aquela população que você está à frente da coordenação dela (trecho não compreensível). Eu vejo que hoje, prefeito, governadores, deputados, presidência da república, direção sindical, direção de uma entidade, o pessoal tem muito um projeto próprio, pessoal, que é de permanência no poder, mas cê não vê um projeto que é um projeto voltado para o povo.

CAROLINE: Entendi.

ANDRÉ: Por isso que nós estamos nessa situação do país que nós estamos, exatamente por isso, porque cada um quer salvar sua pele. Haja visto que o movimento sindical dos trabalhadores rurais hoje, nós temos dirigentes com 50 anos de direção sindical, e eu sempre tive na minha cabeça, que foi o meu comportamento, que as direções, elas são transitórias. Cê não pode se eternizar na frente de uma direção, seja no sindicato ou qualquer outra que seja, então essa é a experiência que eu vejo da nossa época e posso...

CAROLINE: E, Montalvão, para o senhor, qual o papel da luta pela terra e da mobilização sindical dos trabalhadores rurais, da organização dos trabalhadores rurais e dos camponeses, né, na resistência à Ditadura?

ANDRÉ: Na resistência à Ditadura...

CAROLINE: Qual o papel?

ANDRÉ: Eu considero um papel importantíssimo, na época. Tanto que eu te falei, foi um trabalho que eu considero que mais (trecho não compreensível) que nós fizemos, foi de politização dos trabalhadores a partir dos anos 80 e a conscientização dos trabalhadores rurais, tanto é que nós tivemos um candidato a deputado federal, na época, que nós apoiamos, um camponês que teve 22 mil votos, que é o Joaquim de Poté, você já deve ter ouvido falar nele.

CAROLINE: Sim.

ANDRÉ: Então, foi muito importante. As concentração, os atos públicos. Por exemplo, nós fizemos uma concentração dos trabalhadores na Praça da Rodoviária aqui em Belo Horizonte

com mais de 30 mil trabalhadores rurais, e eu, enquanto direção da Contag, nós colocamos a luta das camponesas, e das companheiras trabalhadoras rurais, nesse mesmo, fizemos uma concentração, a primeira concentração com 100 mil mulheres na esplanada do Ministério, que nós demos o nome de Marcha das Margaridas em nome da Margarida que era presidente do sindicato de Lagoa Grande, lá na Paraíba, e que tinha sido assassinada pelos fuzileiros. Então cê pensa que isso aí, ó, foi muito importante para a inclusão dos nossos direitos na Constituição de 88, foi a luta dos trabalhadores que nós conseguimos a maioria dos direitos, a cidadania dos trabalhadores, a cidadania das mulheres, as mulheres e os homens passaram a ter direitos iguais. Até então as mulher não tinha direito à posse da terra, e assim por diante. Quer dizer, as maiores conquistas nossas, que foram colocadas na Constituição de 88, foi porque os trabalhadores rurais, através da suas organização, do sindicato, da Federação e da Contag, conseguiram fazer pressão no Congresso Nacional, e conseguimos que parte da nossa reivindicação fosse aprovada.

CAROLINE: Entendi. E...

ANDRÉ: Por causa que... A gente saiu um pouco da história, mas você foi me perguntar o papel, eu acho que o resultado e o truque desse papel, que começou no combate a Ditadura, na conquista das Diretas, deu o resultado que eu acabei de te relatar.

CAROLINE: Uhum. E, Montalvão, como o senhor avalia também os impactos, vamos falar sobre os impactos dos projetos governamentais de política agrária e de desenvolvimento sobre os camponeses aqui, em Minas Gerais?

ANDRÉ: Olha, é muito difícil, né, hoje, ficar muito tempo para fazer uma análise nesse sentido, porque, você veja bem, no caso da, no caso dos camponeses assalariado, eles perderam mais de 80% das suas vagas de trabalho através da mecanização que avançou muito, né, em todos os sentidos na área rural. No caso dos, da agricultura familiar, através da própria reivindicação do movimento sindical, através de uma série de programas e de políticas públicas sociais, que foram introduzidas no campo, eu também não posso deixar de considerar que houve uma melhoria no caso da agricultura familiar, principalmente em uma região igual eu vivo, que é Muzambinho, 90% das propriedades são agrícolas, são agricultores familiar, então abaixo de 10 hectares. Então através de (trecho não compreensível), através de colocação de luz, porque hoje toda propriedade rural tem energia, hoje toda propriedade rural tem uma antena de televisão, a grande maioria tem internet. Então hoje, por exemplo, você não precisa viajar mil, mil e quinhentos quilômetros daqui no Vale do Jequitinhonha para levar informação para o trabalhador, ela chega para o trabalhador, às vez com rapidez tão grande, quase que na rapidez da luz. Então houve

uma modificação muito grande, porque na época eu tinha que sair de Belo Horizonte para levar uma informação para o trabalhador, tinha que ir lá no Pontal do Triangulo, tinha que ir lá no Vale do Jequitinhonha e tinha que fazer grandes atos que o trabalhador, ficar 2, 3 horas discutindo as questões políticas dos trabalhadores. Então essa mudança que houve através dos meios de comunicação mudou muita coisa, só que eu entendo que enfraqueceu a luta, porque houve um certo comodismo hoje, no meu entendimento, da liderança sindical, das lutas e, no meu entendimento, o processo da reforma agraria não avançou praticamente nada.

CAROLINE: Uhum, entendi. Montalvão, eu vou fazer uma última pergunta, é específica até, se o senhor tem conhecimento sobre casos de assassinatos em Miradouro?

ANDRÉ: Não tenho.

CAROLINE: Hum, algo relacionado à família Ribas, não, né?

ANDRÉ: Não, não tenho.

CAROLINE: Tudo bem. Mais alguma consideração que o senhor gostaria de destacar sobre alguém, ou algo?

ANDRÉ: Não, não. Eu creio que é só isso. Vocês já falou com o Paulo do Elói, lá em São Francisco?

CAROLINE: Vou ligar para ele lá agora.

ANDRÉ: Hein?

CAROLINE: Vou ligar para ele agora, assim que a gente terminar aqui.

ANDRÉ: Então, fala com o Paulo. O Paulo é um grande camarada, além de presidente do sindicato ele foi até vereador lá, ele vai te contar a história, nós trouxemos o pai dele, que foi assassinado na Serra das Araras, são 150 quilômetros de São Francisco, mas fazia parte do município. Aí nós trouxemos ele para São Francisco para fazer a autopsia, ele foi assassinado na terça-feira, no domingo nós sepultamos ele, na terça-feira, ele vai relatar para vocês. Nós fomos por uma rua levando ele para fazer o sepultamento, e na outra rua os latifundiários foram soltando fogos.

CAROLINE: Isso no dia do sepultamento?

ANDRÉ: No dia do sepultamento. Pergunta isso para o Paulo, o Paulo vai te falar isso.

CAROLINE: Tudo bem. Muito obrigada, Montalvão, o senhor nos ajudou muito com o seu depoimento, eu acho que se não o mais importante, o depoimento mais importante, é o central para entender o contexto da FETAEMG, da luta pela terra e por direitos trabalhistas camponeses, então eu gostaria muito de agradecer a sua ajuda e atenção também, paciência com a gente, muito obrigada, viu?

ANDRÉ: Ah, eu só lamento não ser uma coisa organizada, né, porque a gente foi falando de forma aleatória, né, só que agora também cê tem condição através do relatório de organizar.

CAROLINE: Não, sem problemas.

ANDRÉ: E também porque muita coisa hoje eu não recordo mais, talvez tenha muita coisa importante que eu poderia relatar, mas não sou só eu nessa história, as pessoas que eu te passei o nome vão ajudar, né, vão contribuir muito. Quero te pedir desculpas por não ir à Belo Horizonte.

CAROLINE: Não, não precisa, não. De forma alguma.

ANDRÉ: Mas eu, infelizmente, é igual eu te falei, não tenho muita vontade mais de ir, né. Isso é um caso que não tem nada a ver, é um problema meu particular...